REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/x0mmkg23

A (RE)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA MATERNA PÓS-DIAGNÓSTICO DO AUTISMO

THE (RE)CONSTRUCTION OF MATERNAL IDENTITY AFTER AN AUTISM DIAGNOSIS

Kelly Leão Oliveira
Mestranda Pela Veni Creator Christian University
E-mail: kellyleaooliveira@gmail.com

Fábio Coelho Pinto
Doutor pela Veni Creator Christian University
E-mail: profphabiopinto@gmail.com

Recebido: 01/10/2025 – Aceito: 08/10/2025

Resumo

O presente artigo dialoga acerca da (re)construção identitária materna no pós-diagnóstico clínico do filho autista. Para tanto, o objetivo geral busca analisar como se dá a construção identitária da mãe pós-diagnóstico do filho com Transtorno do Espectro Autista. Para uma maior compreensão do objetivo geral, os objetivos específicos foram: caracterizar as identidades (re)construídas (da mãe) pós diagnósticos da criança com TEA; compreender o impacto pós diagnóstico do autismo na reconstrução identitária materna. Com isso, as questões problematizadoras e impulsionam a pesquisa – como a mãe de uma criança autista (re)constrói suas identidades pós o diagnóstico clínico do TEA? Os procedimentos metodológicos dividem-se nas seguintes etapas: revisão da literatura existente acerca do tema pesquisado, em busca de suporte ao estudo; coleta de dados, por meio de questionário e análise de conteúdo, confrontando os resultados obtidos com a teoria de suporte e, por fim, a formulação da conclusão, podendo ser caracterizada como uma pesquisa. Como resultados, a pesquisa demonstra que a família da criança autista tem os sentimentos negativos, como medo, tristeza e frustação, intensificados devido ao diagnóstico de seu filho. Os impactos de um membro autista, no contexto materno, abrangem mudanças, adaptações, conflitos familiares e dificuldades de relação com o meio social. Sendo assim, os desafios do processo de (re)construção identitária da mãe se resume na realidade refletida na vivência diária com seu filho.

Palavras-chave: Identidade Materna; Diagnóstico; Autismo.

Abstract

The present article explores the (re)construction of maternal identity following the clinical diagnosis of a child with autism. The general objective is to analyze how the construction of maternal identity occurs after the diagnosis of a child with Autism Spectrum Disorder (ASD). To deepen the understanding of this general aim, the specific objectives are: to characterize the (re)constructed maternal identities following the diagnosis of a child with ASD; and to understand the impact of the autism diagnosis on the maternal identity reconstruction process. In this context, the guiding research question is: *How does the mother of a child with autism (re)construct her identity following the clinical diagnosis of ASD?* The methodological procedures are divided into the following stages: a literature review on the topic to provide theoretical support for the study; data collection through a questionnaire; content analysis; and, finally, the formulation of the conclusion. Based on these characteristics, this study can be classified as qualitative research.

REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/x0mmkg23

The findings indicate that families of autistic children experience intensified negative emotions, such as fear, sadness, and frustration, as a result of the diagnosis. The presence of an autistic family member, particularly in the maternal context, entails significant changes, adaptations, family conflicts, and challenges in social interactions. Thus, the challenges involved in the maternal identity (re)construction process are closely linked to the lived reality and daily experiences with their child.

Keywords: Maternal Identity; Clinical Diagnosis; Autism Spectrum Disorder (ASD)

1. Introdução

O Transtorno do Espectro Autista de acordo com o DSM-V, refere-se a um transtorno do desenvolvimento neurológico no qual o indivíduo manifesta características como: prejuízos na interação social, dificuldades de comunicação, atividades repetitivas, dentre outras. Para além disso, o autismo ocasiona desafios que se alojam prioritariamente ao contexto familiar, que essa criança está inserida, que precisa ressignificar-se e alterar sua rotina em diversos sentidos, precisam reestruturar-se financeiramente, psicologicamente e educacionalmente para atender as especificidades autistas e assim, auxiliar a criança nos passos iniciais de uma longa caminhada. Desta feita, a medida em que crescem os estudos acerca do Transtorno do Espectro Autista faz-se necessário pensar a (re)construção identitária dos sujeitos que compõem o âmbito familiar destes sujeitos.

Este artigo tem como foco na mãe de uma criança autista, pois esta configura-se em sociedade como membro familiar mais próximo a criança, visto que, o contato materno está interligado aos cuidados, afetos e relações diárias com seu filho desde o nascimento.

É nestas relações mais próximas que muitas mães, vem da mãe tendem a notar primeiros sinais do autismo na criança, até a descoberta do diagnóstico. Com isso, a relação (re)construção identitária se dá a partir destes primeiros momentos de acolhimento e se torna eficaz por contribuir para o enfrentamento do diagnóstico e tratamento, permitindo a esta lidar com os desafios de forma relativamente mais previsível.

REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/x0mmkg23

O objetivo geral deste artigo consistiu em analisar como ocorre a construção identitária da mãe após o diagnóstico do filho com Transtorno do Espectro Autista. Para aprofundar essa compreensão, estabeleceram-se como objetivos específicos: discutir os principais sintomas que caracterizam o diagnóstico do TEA; compreender os desafios enfrentados pelas mães diante do diagnóstico do filho; e identificar as transformações na identidade materna a partir das interações com a rede de assistência destinada ao cuidado de crianças com autismo. A partir disso, emerge a questão norteadora que impulsiona esta investigação: de que forma a mãe de uma criança autista (re)constrói suas identidades após o diagnóstico clínico do TEA?

Gomes et al. (2015) evidenciam que as especificidades inerentes ao desenvolvimento atípico da criança demandam da mãe uma atenção contínua e intensificada. De modo geral, essas crianças apresentam limitações cognitivas, atrasos no desenvolvimento global, dificuldades na socialização, entre outras características que tornam o processo de escolarização formal ainda mais desafiador. Diante disso, são exigidos cuidados diferenciados, que impõem à dinâmica familiar a necessidade de novas formas de adaptação, impactando significativamente a qualidade de vida materna e elevando os níveis de estresse.

A mãe, nesse contexto, precisa reconfigurar sua rotina e ajustar-se a uma nova realidade, o que constitui um processo prolongado, permeado por adversidades. Esse cenário, por sua complexidade, pode ocasionar o distanciamento entre os membros da família e comprometer os vínculos sociais, dadas as múltiplas transformações impostas pela condição específica da criança.

Diversos estudos apontam que o cotidiano materno, nesses casos, é atravessado por inúmeros desafios, os quais são agravados pela precariedade no acesso a serviços de saúde e à rede de apoio social, contribuindo para a intensificação do estresse no ambiente familiar (Gomes et al., 2015).

Mediante isto, a inquietação desta pesquisa se dá não somente pelo olhar ao sujeito autista, (re)conhecendo suas especificidades e potencialidades, mas também entender como a mãe (re)constrói-se em suas identidades no pós-diagnóstico clínico de seus filhos.

REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/x0mmkg23

A escolha do tema interliga-se *a priori* aos estudos produzidos durante a formação acadêmica da pesquisadora, nas disciplinas e estudos voltados à inclusão escolar de alunos com TEA, que forneceram as bases teóricas e formativas para o aprofundamento da temática.

Contudo, foi a partir do contato direto com mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), cujas vivências despertaram reflexões sobre os desafios e transformações enfrentados por essas mulheres após o diagnóstico clínico de seus filhos que a temática solidificou-se, no sentido de (re)conhecer suas especificidades e potencialidades, esta investigação volta-se também à compreensão de como as mães se (re)constroem em suas identidades nesse processo, atravessadas por mudanças emocionais, sociais e familiares.

2. Revisão da Literatura

O autismo foi citado pela primeira vez em 1906, com o desenvolvimento de pesquisas voltadas para o comportamento humano. Segundo Zanatta (2014), foi através de Plouller, um psiquiatra que se interessou em observar os comportamentos específicos de um grupo de onze crianças, observando em especial a ausência emocional no contato de algumas de crianças com outras pessoas, configurando-se em sinais clínicos de isolamento, alterações nas suas formas de comunicação, além da presença de comportamentos ansiosos e possessivos, além disso, Plouller observou que entre estas crianças possuíam em comum a necessidade de seguirem e manterem rotinas.

Em 1943, o psiquiatra Leo Kanner retomou o termo “autismo” ao descrever o que denominou de distúrbio autístico do contato afetivo, delineando uma síndrome cujos sintomas clínicos coincidiam com aqueles anteriormente identificados por Plouller. No ano seguinte, em 1944, Hans Asperger aprofundou a caracterização do quadro, conceituando o autismo como um transtorno mental.

O autor destacou que, até então, os indivíduos que apresentavam manifestações compatíveis com o espectro autista eram frequentemente diagnosticados como portadores de esquizofrenia ou deficiência intelectual, em

razão da limitada compreensão científica sobre tais condições naquele período (Proença, 2021).

Logo, as classificações atribuídas ao Transtorno do Espectro Autista - TEA passaram por reformulações significativas ao longo das últimas décadas, culminando em uma abordagem mais descritiva apresentada na quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM 5). Nessa versão, o autismo é concebido como um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado, principalmente, por prejuízos em dois domínios centrais: a comunicação e a interação social, bem como a manifestação de comportamentos, interesses e atividades com padrões repetitivos e restritos (APA, 2014).

Além de definir os critérios diagnósticos, o DSM 5 introduz uma classificação por níveis de suporte, categorizando o transtorno em leve, moderado ou severo, a depender da intensidade dos sintomas e do grau de apoio necessário. Essa sistematização permite uma compreensão mais precisa das especificidades de cada indivíduo diagnosticado com TEA, contribuindo para intervenções mais efetivas. O manual também destaca que os déficits na comunicação social e na interação interpessoal envolvem dificuldades em iniciar e manter diálogos, realizar contato visual por períodos prolongados, expressar emoções por meio de gestos ou expressões faciais, demonstrar interesse por outras pessoas ou estabelecer vínculos de amizade.

Quanto aos comportamentos repetitivos e restritivos, são comuns manifestações como movimentos corporais repetitivos, como balançar o corpo ou manipular objetos com ritmo constante, além da presença da ecolalia, que consiste na repetição da fala de outros indivíduos, de forma imediata ou após certo tempo. Também são recorrentes os chamados hiperfocos, que se referem a interesses extremamente intensos e direcionados a temas específicos, muitas vezes desproporcionais em relação à faixa etária ou ao contexto.

Dessa forma, a compreensão atual do TEA, conforme estabelecida pelo DSM 5, proporciona subsídios teóricos fundamentais para o desenvolvimento de práticas pedagógicas sensíveis, inclusivas e adaptadas às necessidades desses estudantes, sobretudo no contexto da educação infantil, fase em que o desenvolvimento social e comunicativo é amplamente estimulado.

REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/x0mmkg23

O TEA é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado por alterações relevantes na comunicação, nas habilidades sociais e nos processos cognitivos, além de apresentar comportamentos restritivos e repetitivos. Embora sua etiologia ainda não esteja completamente esclarecida, evidências científicas apontam para uma predisposição genética como um dos fatores de risco associados à condição.

A quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM 5) promoveu uma reclassificação do autismo, reunindo diferentes diagnósticos anteriormente tratados de forma separada, como o autismo clássico, a síndrome de Asperger e o transtorno desintegrativo da infância, sob uma única definição.

Essa nova perspectiva também propõe uma divisão em três níveis, conforme a intensidade dos sintomas e a necessidade de apoio. No nível um, observa-se relativa autonomia com necessidade de suporte específico. No nível dois, há dificuldades mais acentuadas, especialmente na socialização. Já no nível três, os comprometimentos são mais severos, exigindo intervenções terapêuticas intensas.

Os sinais do TEA costumam aparecer nos primeiros anos de vida, geralmente antes dos três anos de idade, tornando-se mais evidentes com o início da vida escolar. Apesar de suas limitações, o transtorno não é degenerativo, o que possibilita o desenvolvimento contínuo das habilidades, desde que haja acompanhamento adequado.

Entre os principais desafios enfrentados pelas crianças com TEA estão a dificuldade de interação com outras pessoas, o contato visual reduzido, a resistência à participação em atividades em grupo, a expressão emocional inadequada e a ausência de empatia. Compreender essas especificidades é essencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que promovam a inclusão e favoreçam o aprendizado significativo, sobretudo na etapa da educação infantil.

O Transtorno do Espectro Autista, envolve, além de dificuldades na interação social, atrasos no desenvolvimento da linguagem, que pode se manifestar por meio de ecolalia, repetições verbais monótonas ou ausência total da fala. Observam-se também limitações no contato visual, nas expressões faciais e no uso de gestos

REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/x0mmkg23

para comunicação, o que restringe as interações afetivas, inclusive com familiares próximos.

Crianças com Transtorno do Espectro Autista - TEA costumam demonstrar maior interesse por objetos e figuras do que por interações sociais, revelando certa dificuldade em participar de brincadeiras simbólicas ou compartilhadas com outras crianças. É comum a presença de comportamentos motores repetitivos, como balançar o corpo, agitar a cabeça ou torcer as mãos, que muitas vezes funcionam como estratégias para lidar com situações de ansiedade ou desconforto.

Essas crianças também tendem a apresentar um padrão de comportamento mais rígido, com resistência a mudanças na rotina e forte necessidade de previsibilidade no ambiente em que estão inseridas. A observação atenta e precoce desses sinais, frequentemente percebidos por pais e cuidadores, é essencial para que o diagnóstico seja realizado e para que intervenções adequadas sejam iniciadas.

Compreender essas manifestações clínicas ajuda tanto na formulação de estratégias pedagógicas e terapêuticas, quanto no reconhecimento dos impactos que o transtorno provoca no cotidiano familiar, já que sua aceitação e manejo estão profundamente ligados às experiências, valores e crenças de cada núcleo familiar.

Sobre isto, Silva (2009) ressalta que a família de pessoas com deficiência enfrenta obstáculos no seu cotidiano, pois ela não estava/estão preparada para viver essa realidade assim é necessária uma metamorfose diária, ou seja uma reconstrução.

Assim, concebendo que as identidades dos sujeitos não são fixas, pois envolve informações de suas trajetórias de vida, assim como os diálogos com os grupos sociais que participam, segundo Ciampa (1984), a identidade caracteriza-se como metamorfose por ser constituída ao longo da vida, sendo fundamental o ambiente em que as interações sociais ocorrem para a representação do papel social do sujeito.

3. Metodologia

REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/x0mmkg23

Em termos metodológicos este artigo foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, considerada apropriada ao campo da educação por possibilitar uma aproximação efetiva com o contexto e os sujeitos envolvidos. Optou-se pela utilização da técnica do Estudo de Caso, uma vez que esta permite uma análise aprofundada e contextualizada de uma realidade específica. Como etapa inicial, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre o tema em questão, com o objetivo de oferecer subsídios teóricos que orientassem a construção do trabalho.

Nesse sentido, Minayo (1996) argumenta que a revisão de literatura constitui uma etapa essencial no processo investigativo, pois permite ao pesquisador ancorar-se nos conhecimentos já sistematizados sobre o objeto de estudo, ampliando a compreensão e a consistência da pesquisa.

A entrevista semiestruturada como uma das coletas de dados aproximou-nos dos fatos particulares diretamente no contexto familiar, por meio da compreensão de como ocorreu a dinâmica familiar pós diagnósticos, pois sabemos das individualidades que o sujeito autista possui, assim como transparecer a relevância dos grupos de apoio para esses sujeitos (pai e mãe), pois tem uma expressão significativa na (re)construção desses pais, assim como o papel da escola no acolhimento dessa família.

Para participar deste estudo, foi convidada uma mãe com filho autista, no município de Cametá, PA, que possui 38 anos, com a escolaridade correspondente a pós-graduação e atualmente assume as responsabilidades do lar, pois optou por não trabalhar fora de casa para poder permanecer mais próxima do filho. E um filho de 8 anos, diagnosticado com TEA desde os 6 meses de idade.

4. Resultados e Discussão

As diversas informações sobre o diagnóstico do autismo, além dos demais problemas de saúde que ele pode enfrentar, ocasiona por diversas vezes a preocupação da mãe, além de alterar horários e rotinas e a necessidade de tempo

REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/x0mmkg23

e energia para a identificação de serviços especializados, para o transporte da criança para esses serviços, assim como a falta ao trabalho e os gastos financeiros.

Em diálogo com a mãe do sujeito autista pode-se perceber este impacto na descoberta pós-diagnostico, pois quando indagada sobre o ponto de vista psicológico/emocional sobre a experiência de descoberta da condição autista de seu filho (a), esta responde que:

> A descoberta foi dolorosa, desgastante e muito desesperadora gerando uma grande depressão, por anos. A falta de apoio familiar e a desorientação de profissionais da saúde e educação não ajudaram para o fechamento do laudo e tão pouco na saúde mental da família (Entrevistada, 2025).

O impacto e os desafios encontrados pela mãe, afirmam um impacto ao deparar-se com uma nova situação, onde suas rotinas precisariam ser modificadas em função das exigências da condição do filho. Apresentam também indicadores de estresse devido às dificuldades diante da descoberta do transtorno, da gravidade do diagnóstico e das modificações que vivenciariam em função do autismo.

Pinto (2016) destaca que, inicialmente, muitas mães de crianças diagnosticadas com autismo enfrentam o desafio de reorganizar suas vidas, planos e projetos futuros diante do diagnóstico, vivenciando um processo semelhante a um luto primário, como relatado pela mãe entrevistada.

Além da apreensão acerca das possíveis limitações associadas à condição, essas mães precisam adaptar-se à exigência de uma dedicação intensa e contínua para atender às necessidades específicas dos filhos. Isso se deve ao fato de que as características clínicas do transtorno impactam significativamente tanto as condições físicas quanto mentais da criança, elevando a demanda por cuidados especializados e aumentando a dependência em relação aos responsáveis.

Pinto (2016) também destaca em seus estudos que, muitas mães de crianças autistas apresentam mais situações de estresse do que a figura paterna, visto que, suas relações familiares estão interligadas as diversas atribuições e

REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/x0mmkg23

responsabilidades na criação do filho, entretanto os pais em alguns casos, desempenham as atividades profissionais fora de casa.

No momento da pesquisa, a mãe relatou que, após a descoberta do autismo, decidiu não ter atividades profissionais fora de casa e o pai era o provedor da casa. Desse modo, compreende-se que há situações difíceis vivenciadas pelas mães desde a descoberta do Autismo. Logo, ao vivenciar estas dificuldades com o autismo, a mãe busca um estado de desequilíbrio para vencer estas tensões, passando então a refletir sobre suas relações familiares e como isso vem dificultando a tranquilidade dos seus membros (Sprovieri; Assumpção Jr, 2001).

A mãe quando indagada acerca de "como reage na atualidade com o diagnóstico de seu filho? Houve mudança na sua percepção sobre o autismo, e que tipo de apoio recebeu após conhecer?" destacou que:

> Atualmente o diagnóstico é tratado de forma normal. Buscamos as terapias que ele necessita, no início recebi muito apoio da Associação de pais e a IADEASP (Instituto defesa e desenvolvimento e apoio a pessoa com autismo de Sudeste do Pará). O IDEASP ofereceu palestras sobre o autismo, encontros com as famílias para dialogarem sobre suas necessidades e conquistas (Entrevistada, 2025).

Compreende-se que, a mãe após reconhecer a situação do filho com autismo e compreender que este pode ser trabalhado diariamente inicia seu processo de aceitação. O apoio recebido pela mãe foi de extrema importância para reconstrução de suas identidades enquanto mãe de uma criança autista.

Para Gauderer (1992), em seus estudos voltados ao sofrimento da família que possui um filho com autismo e pontuava a necessidade de a mãe receber um acolhimento para esse sofrimento, para que acima de tudo possam proporcionar uma vida melhor para o filho com TEA, além do bem-estar familiar.

Diante das poucas informações recebidas, a mãe sentiu a necessidade de recorrer a outros meios profissionais para compreenderem a situação de seu filho, e para assim poderem lhe dá o suporte necessário para sua vida, como relata a mãe, quando questionada sobre "com chegada do seu filho o que alterou na sua vida, no que se refere às rotinas diárias, aos cuidados especiais de saúde e ao

REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/x0mmkg23

trabalho. Diga-nos como se reorganizou e ressignificou sua vida após o diagnóstico", respondeu que:

> O diagnóstico fez eu pensar as minhas vivencias tanto pessoal como profissional. Refiz a minha carreira, modifiquei de curso para entender o meu filho. Tentei adentrar ao mercado de trabalho, contudo via uma crise e os comportamentos inadequados sendo reforçados, isso gera prejuízo dentro do desenvolvimento da pessoa com TEA. Então, a rotina do cuidar do filho se fez a prioridade para minha vida (Entrevistada, 2025).

Essas estratégias utilizadas pela mãe, evidenciaram o cuidado e a preocupação com as principais dificuldades encontradas pelas mães de filhos autistas, visto que, refere-se aos problemas de comportamento e as tensões no desenvolvimento das atividades diárias.

A mãe, também encontrou outras alterações em sua rotina que também culminaram anteriormente em momentos de tensão, segundo a mãe "a rotina da nossa família é montada e pensada dentro de suas necessidades. Não frequentamos locais que são cheios de barulhos ou que podem causar uma crise" (Entrevistada, 2025).

A mãe destacou também em sua fala anterior, que decidiu não trabalhar fora de casa para atender as necessidades do filho e se dedicar melhor ao cuidado dele. Tunali e Power (1993 apud Fávero; Santos, 2005) afirmam que se torna comum que a maioria das mães de filhos com TEA não prossigam com suas atividades profissionais, visto que exercem um papel importante nos cuidados com o filho, além de que as crianças autistas tendem a ter esta relação com a rotina da mãe cuidadora.

Neste contexto, o filho ocupa um papel de destaque no ciclo familiar, pois as mães geram grandes expectativas no desenvolvimento de maturidade do filho, e desse modo podem ser mais criteriosos com a possibilidade de ter mais filhos. Isto, se relaciona a posição que ocupa a criança quando diagnostica com autismo (Bee, 1996). Neste estudo, a mãe tem apenas um filho e sua dedicação é totalmente voltada para este.

Segundo Fávero e Santos (2005) destacam que as famílias que têm filhos com algum tipo transtorno, como o autismo, que gera mudanças significativas na vida da família, deparam-se com uma variedade de exigências especificas que

REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/x0mmkg23

podem ocasionar situações de estresse ou de tensão emocional na criança. Essas situações de tensão foram encontradas na mãe deste estudo, que demonstraram diferentes de expressar sentimentos e emoções.

Prado (2004) destaca que durante o nascimento da criança que apresenta alguma alteração em sua formação física ou mental, vai provocar na família algum tipo de mudança na identidade das mães. Os membros têm de conviver com a realidade de ter um filho com autismo, e isto, desencadeando em uma mudança da rotina familiar.

A mãe participante da pesquisa foi questionada sobre “O diagnóstico do seu filho alterou os seus costumes sociais? Que mudanças provocou?” em relação a estas mudanças e adaptações que ocorreram em função do Autismo a mesma relataram que:

> Necessitamos sempre organizar antecipadamente para que a rotina dele não venha ser modificada ou ele tem crise. A ida em um evento vem sempre com o pedido de apoio de minha mãe, pois ela que fica com ele, ou uma amiga. Dependemos de outras pessoas para ter um lazer quando ele não está conosco (Entrevistada, 2025).

Na fala percebe-se que em função da descoberta do Autismo durante o processo de assimilação da nova realidade, a mãe necessitou adaptar-se a nova situação que modificou toda a rotina familiar. Com isso, pode-se considerar que as relações familiares são alteradas de algum modo quando se tem um membro autista na família, visto que os pais detêm de uma maior atenção as atividades diárias com a criança. Portanto, as mudanças nas atividades da família desde um simples passeio a um encontro com amigos deve ser planejados e organizados de modo a não afetar a rotina familiar com a criança.

Diante das mobilizações que a mãe desta pesquisa vivenciou, percebe-se que as consequências como o autista, ocasiona à mãe é um fator relevante para estudos. Pois, esse fator muitas vezes leva a mãe a comportar-se de forma disfuncional, devido as constantes adaptações que precisam vivenciar para descobrir qual a melhor maneira de ajudar o filho autista, evidenciando a possibilidade de desenvolver a relação entre o autismo infantil e o estresse familiar (Fávero; Santos, 2005).

REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/x0mmkg23

Nesse contexto, compreende-se que quando retratamos os termos relacionamento e interação, é necessário deixa claro que apesar de descrevem o sujeito autista como aquele(a) que não consegue se relacionar com as pessoas, isto não quer dizer que não deseje ter estas interações. É necessário destacar que as pessoas autistas não são dispensadas de emoções, isto é, estes sujeitos têm suas sensações internas, no entanto, não sabem como controlar essas sensações como as demais pessoas.

Nesta pesquisa, verificou-se que a mãe busca estratégias para interagir e incluir o filho na família, quando a pergunta foi direcionada acerca do “O que espera do futuro para o seu filho em relação a autonomia, inclusão na sociedade, acessibilidade, formação”, esta respondeu:

> A cada dia fico descrente em uma verdadeira inclusão, principalmente na questão social, ouvir de uma criança de 8 anos que não é para os outros brincarem com seu filho que ele é doido, dói. A autonomia só será possível tendo o elo de apoio ESCOLA, FAMILIA, E TERAPEUTAS, porém esse elo nem sempre conseguir. A escola não oferece INCLUSÃO, maqueia um diálogo de inclusão e na prática realiza a segregação, não possui PEI (Plano Educacional Individual) e tão pouco faz adaptações dos materiais.
> Incluir é uma luta imensa para a família da pessoa com TEA, muitos aceitam a forma que é repassado para não ter o filho com um olhar diferenciado ou ser chamado de chato. Garantir o direito da PCD, não é algo tão simples. Os próprios coordenadores não fazem valer quando nega um auxiliar em sala de aula e vamos caminhando dia a dia para ter a tão sonhada inclusão (Entrevistada, 202).

A mãe demonstra incluir o filho no cotidiano da família, permitindo que o filho se sinta valorizado e tenha um lugar no lar. E desse modo, a mãe tem superado as dificuldades geradas pelo autismo, além de potencializarem as capacidades do seu filho em seu cotidiano.

Tudo ocorre pela rede de apoio[1] construída junta a outros profissionais que lhe dão suporte necessário para o desempenho e desenvolvimento da sociabilidade da criança. As influências sociais, principalmente das pessoas próximas, como os membros da família, são fundamentais para um melhor desenvolvimento da criança.

REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/x0mmkg23

Logo, para a mãe desta pesquisa o processo de aceitação pós-diagnostico do autismo veio interligado ao processo de adaptar-se a sua nova realidade familiar. Mediante isso, encontrou novas práticas cotidianas para relaciona-se com o filho. Um exemplo dessa interação é através dos interesses do filho, pois segundo a mãe em diálogo o filho gosta de assistir vídeos no youtube, de interagir com os desenhos animados e de música, e em alguns momentos o pai o acompanha.

A atitude está de acordo com o que relata Guralnick (2000), pois a criança autista não envolve ninguém em suas atividades, ela vive num mundo particular, é necessário que os pais tomem a iniciativa de tentar se comunicar com seus filhos e descobrir qual a atividade mais receptiva para o filho e praticá-la sempre que possível.

Portanto, ao compreender como se dá esta relação entre a mãe de um sujeito autista e suas interações sociais. Percebe-se a transformação no ciclo familiar através das interações com a realidade do sujeito com autismo, como na forma do cuidado, nas formas de inclusão, na busca por compreender o transtorno, além das mães terem suas identidades reconstruídas no pós-diagnóstico. Essa reconstrução identitária se dá, por intermédio do processo de aceitação da mãe com o diagnóstico do filho.

5. Conclusão

Este artigo objetivou analisar como ocorre a construção da identidade materna após o diagnóstico do filho com Transtorno do Espectro Autista - TEA. Observou-se que, a partir das influências decorrentes desse diagnóstico, a identidade da mãe sofre transformações, que se refletem em suas relações com o filho, nas adaptações ao seu contexto de vida e no convívio familiar. Além disso, constatou-se que a mãe de uma criança com autismo desenvolve a dinâmica familiar pautada nas práticas cotidianas, construindo sua interação no dia a dia.

[1] Esse grupo formado por pedagogos, psicólogos, pediatras entre outros, visa oferecer atenção e cuidados relativos à escuta das famílias, ou seja, um apoio para o bem-estar do cuidador. Para oferecer um bem-estar social para o sujeito autista e sua família.

REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/x0mmkg23

A descoberta do diagnóstico de autismo costuma impactar profundamente as expectativas da mãe, que, até então, projetava uma trajetória de desenvolvimento dentro dos padrões considerados típicos. Esse rompimento com a ideia da “normalidade” gera sentimentos de frustração, dor e incerteza diante de uma realidade que não havia sido antecipada. Diante dessa nova configuração, a mãe é impelida a ressignificar sua identidade materna e a reestruturar planos familiares, em um processo que exige adaptações rápidas e intensas.

A vivência do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista - TEA provoca transformações profundas na forma como essa maternidade passa a ser exercida. Medo, insegurança e dúvidas sobre o futuro da criança tornam-se sentimentos recorrentes, ao mesmo tempo em que se inicia uma busca constante por estabilidade emocional e equilíbrio nas relações familiares. Esse processo de reconstrução está diretamente relacionado a fatores como as condições socioeconômicas da família, a qualidade das relações afetivas e, especialmente, o grau de maturidade emocional da mãe. Nesse contexto, o suporte oferecido por uma rede de apoio sólida, composta por familiares, profissionais da saúde e da educação e políticas públicas efetivas, desempenha papel fundamental no fortalecimento da mulher e na sua capacidade de enfrentar os desafios cotidianos que envolvem o cuidado de uma criança com TEA.

Logo, compreende-se que os principais desafios maternos frente ao diagnóstico do filho autista está em inicialmente aceitar o diagnóstico do filho, pois como relatado pela entrevistada foi um momento de crise na família, pois haviam muitos questionamentos e inseguranças quanto ao futuro do filho, além de preocupações frequentes com a relação familiar. Outro ponto, de dificuldade da mãe foram as mudanças em sua vida profissional e social que são trocadas pela dedicação exclusiva ao filho, é nesse momento que a mãe deixa sua vida profissional para compreender mais acerca do autismo, de modo que possa ajudar no desenvolvimento do filho.

Identifica-se também as mudanças na identidade da mãe junto a rede de assistência para o cuidado às crianças com TEA. A mãe ao conhecer a rede de apoio, inicia seu processo de compreender acerca do autismo e buscar meios que possam ajudar seu filho relaciona-se com o meio social e familiar respeitando sua

singularidade. Desse modo, a mãe busca o auxilio profissional para ajudar com a reestruturação do lar, os atendimentos adequados para o filho e o desenvolvimento de atividades do cotidiano foram sendo aperfeiçoados na vivência. Compreende-se então a importância da atuação do psicólogo junto à essas mães. É comum emoções como o medo e o constrangimento em pais de crianças autistas, pois ainda são limitadas as informações, experiências e a compressão sobre o autismo.

A reconstrução da identidade materna acontece a partir das experiências vividas com o filho, no contexto das relações sociais e familiares que a cercam. Nesse processo, a mãe passa a ser uma figura central de apoio, direcionando sua vida ao entendimento das necessidades e particularidades da criança, em consonância com o mundo que ela habita. Os desafios enfrentados diariamente, marcados por crises, frustrações e superações, transformam sua percepção sobre si mesma e sobre o que significa ser mãe, conferindo a essa vivência uma dimensão única e profundamente pessoal.

Neste estudo, a mãe demonstrou obter maior conhecimento sobre o transtorno e suas consequências, que além de facilitar o desenvolvimento do filho, permitem que ele adquira independência e sinta-se valorizado. Com isso percebe-se, que a mãe demonstra assimilar a realidade do filho, e buscou informações sobre o transtorno e resultando no desenvolvimento das potencialidades e da independência do filho autista. Portanto, esta mãe também é capaz de elaborar suas vivências e tornando-se mais ciente de suas capacidades e limitações, possibilitando que seus membros familiares desenvolver-se de forma mais efetiva.

É notório que a sociedade ainda apresenta lacunas significativas no que se refere à efetivação da inclusão de pessoas com deficiência ou transtornos do neurodesenvolvimento, como o Transtorno do Espectro Autista - TEA. Nesse contexto, o papel da mãe torna-se fundamental, especialmente enquanto agente articuladora entre a família, a escola e os espaços sociais. Sua conscientização acerca dos direitos educacionais, sociais e humanos de seu filho é decisiva para a construção de um percurso inclusivo, que garanta o acesso, a permanência e o desenvolvimento pleno da criança em diferentes ambientes. Ao assumir essa posição, a mãe reivindica políticas públicas eficazes, mas também contribui para a

transformação das relações sociais, tornando-se protagonista no processo de inclusão e valorização da diversidade.

No entanto, observa-se que o diagnóstico do autismo provoca nas mães um processo de reconstrução de sua identidade, uma vez que as relações e interações com esse novo membro da família exigem mudanças significativas no cotidiano, afetando inclusive suas vidas profissionais e sociais. Nesse contexto, a família passa a se comportar de maneiras diversas, adaptando-se constantemente para encontrar as melhores formas de apoiar e cuidar do filho autista, algo que ficou claro na fala da mãe participante desta pesquisa.

Dessa forma, fica evidente a importância de compreender a relação entre o autismo e as transformações familiares que ocorrem após o diagnóstico. É fundamental ressaltar que, desde o momento em que o diagnóstico é comunicado até a aceitação plena da nova realidade, a identidade dos pais está em constante evolução. Por isso, diante das mudanças provocadas pelo autismo, as famílias necessitam do suporte de profissionais qualificados, capazes de oferecer orientações tanto para o desenvolvimento dos filhos quanto para o fortalecimento do núcleo familiar como um todo.

Referências

American Psychiatric Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa, Portugal: Edições 70, 2010.

BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. 7 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CHIMENES, G. M; SANTANA, M. L. **Parceria família e instituição de educação para inclusão de crianças autistas.** Revista Anápolis Digital. v. 11. n. 2. 2020

CIAMPA, Antonio da Costa. **Identidade**. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento** (pp. 58-75), São Paulo: Brasiliense, 1984.

DSM V – TR TM **Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais**. Trad. Claudia Dornellles. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GOMES, Suzana dos Santos. **Políticas de Avaliação Externa e Interna: Desafios e Perspectivas**. In: GOMES, Suzana dos Santos; QUARESMA, Adilene Gonçalves. Políticas e Práticas na Educação Básica e Superior: desafios da contemporaneidade. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 3.ed. São Paulo: Hucitec/Rio de Janeiro: Abrasco, 1996

PINTO RNM, Torquato IMB, Collet N, Reichert APS, Souza Neto VL, Saraiva AM. **Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares**. Ver Gaúcha Enferm. 2016 set;37(3):e61572. doi: http://dx.doi.org/10.1590/1983- 1447.2016.03.61572.

PRADO, A família e deficiência. **In:** CERVENY, C. família e. São Paulo: casa do Psicólogo, 2004, 85-98

PROENÇA, Maria, SOUSA, Nathalia, & SILVA, Brenda. (2021). **Autismo: Classificação e o convívio familiar e Social**. Revista JRG De Estudos Acadêmicos. p6-7

SILVA, Scheila Borges. **O autismo e as transformações na família.** Santa Catarina, 2009.

SPROVIERI, M. ASSUMPÇAO JR, F.B. **Dinâmica familiar de crianças autistas, Arquivos da Neuropsiquiatria**, São Paulo, vol. 59(2-A): p. 230-237, 2001.

ZANATTA, Argenta, E., Menegazzo, E., Noeremberg Guimarães, A., Ferraz, L., & Corso da Motta, M. da G. (2014). **COTIDIANO DE FAMÍLIAS QUE CONVIVEM COM O AUTISMO INFANTIL**. Revista Baiana De Enfermagem28, (3). https://doi.org/10.18471/rbe.v28i3.10451